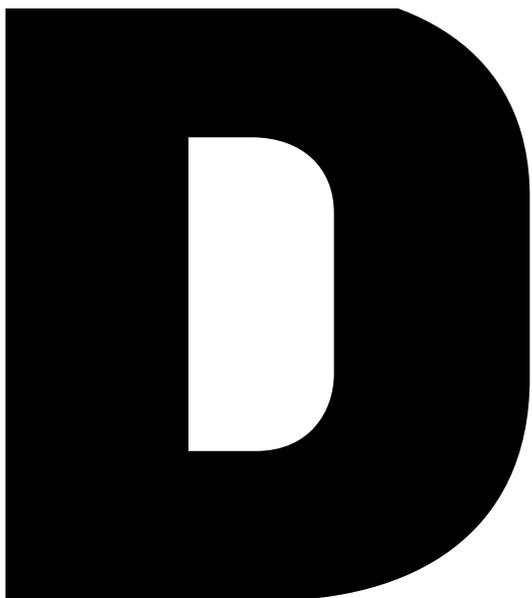


O PO CURA DA

Acreditar – seja num comprimido
ou numa divindade – pode ajudar a curar.
É isso que demonstram repetidos estudos.
E já começamos a compreender porquê



**ODER
ATIVO
FE**

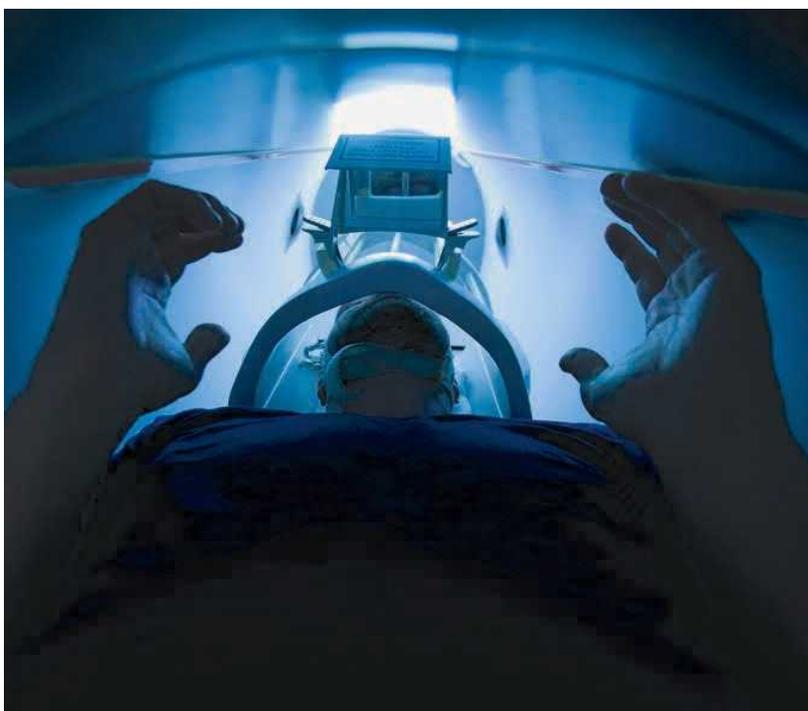


Durante vinte anos, a cardiologista Teresa Gomes Mota trabalhou até tarde, estendendo as consultas bem para lá do horário. Era das últimas a sair do hospital, já as luzes estavam apagadas e as portas, fechadas. Até aos 45 anos, a médica fez parte do quadro de profissionais do Pulido Valente, em Lisboa. Mas um dia decidiu que não conseguia continuar a pactuar com a forma apressada de exercer medicina a que era obrigada e saiu da função pública. “É preciso disponibilidade. Tenho a convicção de que o principal papel do médico é ouvir as pessoas. O medicamento é apenas uma pequena parte do tratamento.”

Este corte com o Serviço Nacional de Saúde de tempos de consulta cronometrados foi acompanhado de um interesse crescente pelo ato de curar. Anos de pesquisa resultaram num livro publicado em 2013, com o título *O Admirável Placebo* (editora Caminhos de Pax). Na obra, Teresa discorre sobre um dos grandes mistérios da medicina, definido como algo que parece um tratamento médico verdadeiro, mas não é. Pode ser um comprimido, uma injeção ou mesmo um procedimento médico, como uma falsa cirurgia. A chave é acreditar – seja na ciência, seja em algo transcendente.

Apesar de o chamado efeito placebo fazer parte de todos os testes a novos medicamentos, a ciência ainda não consegue explicar totalmente a sua ação. O que se sabe é que uma pessoa pode responder de forma positiva, sentindo alívio nos sintomas de uma doença, ou até sofrer efeitos secundários da suposta terapia. Já se percebeu que o efeito placebo é mais comum em problemas como a depressão, na dor, perturbação do sono ou transtorno relacionado com a menopausa, e o impacto pode ser tão forte quanto o do tratamento verdadeiro.

No caso da dor, o processo já está mais bem estudado, e inclusivamente, no ano passado, uma equipa de cientistas da Universidade de Northwestern, em Chicago, chegou mesmo a identificar, através de ressonâncias magnéticas, a origem física do efeito, mostrando que não se trata apenas de algo psicossomático. O que Marwan Baliki e Vania



Ressonância
Num estudo, os investigadores olharam em tempo real para o cérebro dos doentes a seguir à toma de um comprimido de açúcar e descobriram uma região, no córtex frontal, particularmente vibrante nas pessoas que respondem ao placebo como se fosse um analgésico

Apkarian fizeram foi analisar o que se passava no cérebro de doentes com osteoartrite no joelho – um raro exemplo de estudo do placebo em pacientes em vez de em voluntários a quem é provocada dor, para depois se avaliar o impacto de comprimido de água com açúcar ou da injeção de soro.

A dupla olhou em tempo real, através da ressonância, para o cérebro dos doentes a seguir à toma de um comprimido de açúcar, em vez de um analgésico. E descobriu uma região do cérebro, no córtex frontal, que mostrava maior atividade cerebral. Esta área, denominada *gyrus* frontal médio, estava particularmente vibrante em pessoas que respondem mais ao placebo.

No artigo, publicado na revista *PLOS Biology*, os cientistas sublinham a não correspondência entre esta região e aquela que é ativada quando se toma um comprimido para alívio da dor. “Dado o impacto social da dor crónica, ser capaz de prever quais as pessoas que vão responder ao placebo pode ajudar no desenho de uma medicina personalizada e aumentar o sucesso dos ensaios clínicos”, notou, em comunicado, Marwan Baliki.

LEVANTA-SE E ANDA – COM PLACEBO

Para Teresa Gomes Mota todo o ambiente criado numa consulta influencia o resultado. “Cria-se uma expectativa de cura, o que



O placebo no tratamento da dor

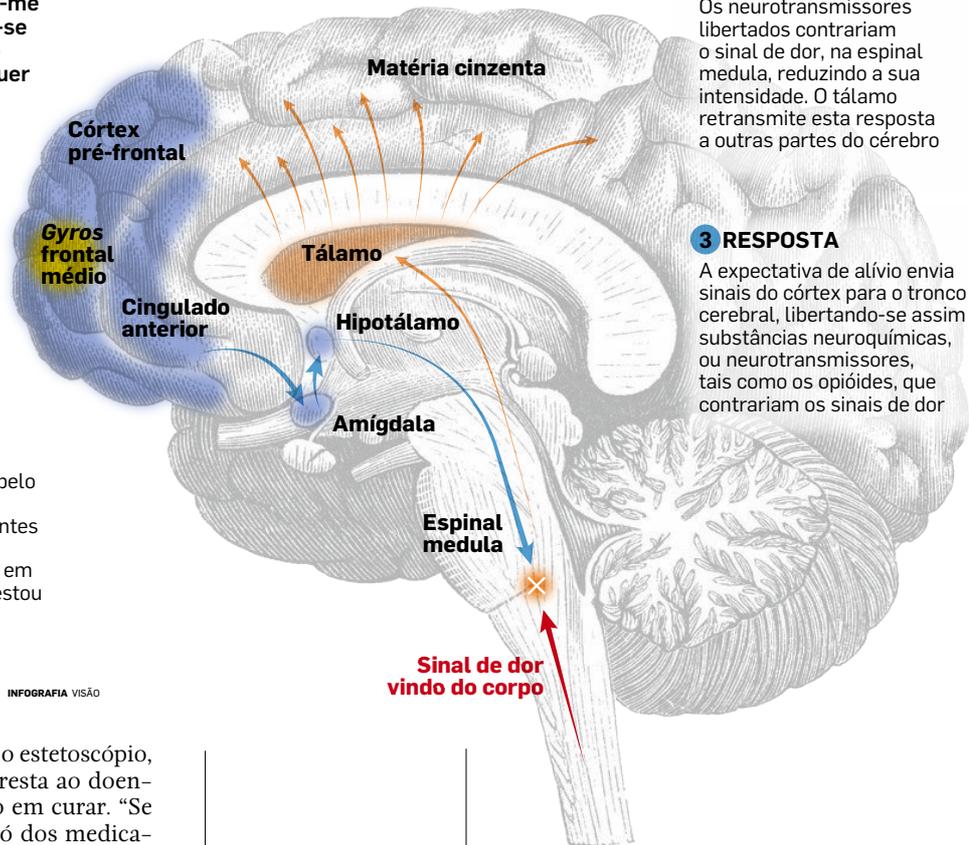
O placebo ativa a expectativa ('este medicamento vai fazer-me bem'). Deste modo, libertam-se transmissores cerebrais que atuam no problema que se quer tratar. Na imagem, dá-se o exemplo da dor, uma das áreas em que o efeito placebo é mais comum

Expectativa de tratamento



1 RECONHECIMENTO

A perspetiva de alívio oferecido pelo tratamento é processada pelo córtex pré-frontal. Estudos recentes mostram a ativação da região **gyros frontal médio** em pessoas em quem o efeito placebo se manifestou



2 REGULAÇÃO

Os neurotransmissores libertados contrariam o sinal de dor, na espinal medula, reduzindo a sua intensidade. O tálamo retransmite esta resposta a outras partes do cérebro

3 RESPOSTA

A expectativa de alívio envia sinais do córtex para o tronco cerebral, libertando-se assim substâncias neuroquímicas, ou neurotransmissores, tais como os opióides, que contrariam os sinais de dor

FONTE National Geographic FOTO GETTY IMAGE INFOGRAFIA VISÃO

é importante.” A bata branca, o estetoscópio, a atenção que o terapeuta presta ao doente. Até a intenção do médico em curar. “Se estivéssemos dependentes só dos medicamentos sofisticados para tratar as pessoas, então todos os médicos que foram existindo não teriam servido para nada”, nota. No fundo, defende a médica que hoje nunca dá consultas que durem menos de meia hora, o efeito placebo depende de todas aquelas componentes e não apenas da toma do falso comprimido. “Nenhum teste foi feito sem a componente médica.”

António Vaz Carneiro, médico do Hospital de Santa Maria, em Lisboa, e diretor do Centro de Medicina Baseada na Evidência, conhece bem este efeito da expectativa de cura criada pela relação terapeuta/doente. “Num caso de luto, a pessoa está deprimida, dorme mal. Eu prescrevo antidepressivos, que só fazem efeito ao fim de três semanas de tratamento. Mas não é raro a pessoa ligar-me 48 horas depois da consulta a contar que já dorme bem e se sente melhor.”

Joaquim Ferreira, neurologista do Hospital de Santa Maria e investigador do Instituto de Medicina Molecular, dirige vários ensaios clínicos, sobretudo na área do Parkinson. Tem um interesse particular sobre esta questão, presente em todos os estudos que vem realizando. “Há situações impressionantes, em que

**UM PACIENTE
PODE RESPONDER
AO PLACEBO
SENTINDO ALÍVIO
NOS SINTOMAS
DE UMA DOENÇA,
OU ATÉ SOFRER
EFEITOS
SECUNDÁRIOS**

temos um doente imóvel, preso a uma cadeira, e que depois de uma intervenção de placebo, se levanta e anda”, relata. “A amplitude de ação é enorme, quase miraculosa. Por isso é que não se deve ter pena dos doentes que, num ensaio clínico, ficam no grupo do placebo.”

Outros exemplos curiosos. Num estudo, um grupo de pessoas tomou um placebo e disseram-lhe que o comprimido era um estimulante. Resultado: a pulsação acelerou, a pressão arterial aumentou e a velocidade de reação também. Voltaram a tomar o mesmo comprimido, mas com a informação de que se tratava de um soporífero, e o impacto foi o oposto. Ou ainda o estudo feito a doentes com asma, que depois de usarem inaladores sem qualquer impacto no aumento da função pulmonar, se sentiram melhor.

Quando se testam novos produtos, normalmente nem os doentes nem os clínicos sabem quem está a tomar o princípio ativo e quem não está. Mas num estudo coordenado pela investigadora do ISPA Instituto Universitário, Cláudia Carvalho, o objetivo foi exatamente o oposto: perceber até que ponto o efeito placebo se manifestava em pessoas informadas acerca da composição do que estavam a tomar. Para isso, um grupo de pacientes com dor nas costas crónica recebeu, durante três semanas, um comprimido 'água com açúcar', sabendo que era esse o caso. No final deste período, registou-se uma diminuição de até 30% ao nível da dor e da incapacidade, escreveram os autores do artigo publicado na revista *PAIN*.

Cláudia Carvalho lembra que, entre os vários componentes importantes no efeito placebo, há a explicação que é dada ao paciente que o leva a acreditar que poderá ser possível obter um efeito positivo, e desta forma desencadear a esperança e aumentando a expectativa positiva. “Há ainda o facto de a relação terapêutica ser empática e baseada na confiança, e o efeito da toma repetida das cápsulas que poderá desencadear uma resposta de alívio sintomático.”

Também se deve ter em conta o contexto médico em que toda a interação se desenvolveu, além da novidade e da incerteza de estar a participar num estudo. “Não podemos apenas dar uma cápsula placebo a um paciente e dizer que vai funcionar. É necessário uma combinação de uma mensagem honesta (dizemos aos pacientes que poderia ou não resultar), apresentar uma explicação razoável para a possibilidade de funcionar e dar espaço à incredulidade que muitos pacientes têm, até porque pode resultar para uns mas não para outros.”

A ESPIRITUALIDADE NA SAÚDE

Deixemos para trás os hospitais e entremos na Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Ao final de uma tarde de quinta-feira, o

Evidência

Pela primeira vez, uma equipa da Universidade de Northwestern, Chicago, identificou a região do cérebro em que se manifesta o efeito placebo. Nas pessoas que sentiram menos dor, apesar de não estarem a tomar nenhum medicamento, ativou-se uma região do lobo frontal conhecida como gyros frontal médio

Dopamina

-  +



Sem intervenção

Ausência de dopamina



Com medicação

Níveis quase normais de dopamina



Com placebo

Níveis quase normais de dopamina



sino acaba de chamar para a missa das sete e o sol ilumina os vitrais de Almada Negreiros. Quando foi inaugurada, a 12 de outubro de 1938, os mais conservadores consideraram-na arrojada. Na verdade, talvez estivessem enofrados por a escolha ter recaído no arquiteto Porfírio Pardal Monteiro, um homem laico. E, no entanto, tantos anos depois esta igreja é um lugar de beleza e de paz.

A voz do prior ajuda à sensação de bem-estar. O que ele diz ainda mais. Em tempo pascal, partilha o amor “abundante” de Deus, a necessidade de viver na esperança e as vantagens de “dizer bem”. Mas um olhar para o relógio lembra-nos que está a começar o culto na sede da Igreja Mundial do Poder de Deus, a vinte minutos a pé dali, na Rua Dona Estefânia. Partimos em passo de corrida. Quando o pastor evangélico Rogério Machado começa a falar na fé e no pensamento positivo, regressa a sensação de bem-estar e ficamos sem dúvidas – está tudo ligado.

NUM ESTUDO, VERIFICOU-SE QUE PACIENTES CARDÍACOS POR QUEM SE REZARA APRESENTAVAM MELHORIAS EM RELAÇÃO A OUTROS



Ex-votos As pequenas figuras de cera representam partes do corpo que ficaram curadas. São oferendas pelas graças que se acredita terem sido concedidas

Horas antes, Maria José Gil, psicóloga clínica do Instituto Português de Oncologia de Lisboa, tinha lembrado que a Organização Mundial da Saúde inclui a espiritualidade no conceito de saúde desde o início dos anos 80. “Ligou-o à qualidade de vida e ao bem-estar em geral.”

Escreva-se já que a espiritualidade é diferente de religiosidade. Além da dimensão vertical, da relação com o divino, com uma entidade, tem uma dimensão horizontal, ligada à relação com os outros, à esperança. No fundo, às questões existenciais. “Na doença oncológica, é normal que as pessoas se perguntem ‘Que significado isto tem na minha vida?’. Essa procura”, diz a psicóloga, “leva ao controlo dos sintomas de ansiedade e de depressão.”

Na prática clínica, Maria José Gil percebeu que quem vive a sua dimensão espiritual, e a partilha, lida melhor com as dificuldades da própria doença e valoriza os apoios que tem. “É uma dimensão de esperança.” No dia seguinte, também haveríamos de ouvir o padre Fernando Sampaio, capelão do Hospital de Santa Maria, em Lisboa, falar de esperança e defender que a fé ajuda a metabolizar as emoções negativas e a produzir emoções positivas, melhorando, assim, o sistema imunitário. “A satisfação das necessidades espirituais tem um efeito na saúde. A literatura

João de Deus, cirurgião à distância

Há quarenta anos que um médium brasileiro atrai milhares de pessoas com a promessa de curas espirituais. Lula da Silva passou pela sua casa, Oprah Winfrey também. E há portugueses na lista

Todos os dias, **João Teixeira de Faria** recebe cerca de mil pessoas que procuram ajuda para os mais diversos males. Desde os anos 70 que a sua Casa Dom Inácio de Loyola, em Abadiânia, no interior de Goiás, a 120 quilómetros de Brasília, é um local de peregrinação, onde se chega vestido de branco e cheio de esperança.

Quase sempre, o médium brasileiro que todos conhecem como João de Deus receita passiflora (que tem efeitos calmantes) e recomenda um “passe” (uma imposição de mãos, para transferir energias), orações e a “corrente” – 300 pessoas juntas pelo menos três horas, em silêncio, a orar pelo próximo.

Muitas vezes, indica uma cirurgia espiritual, invisível. Só há lugar a cirurgias visíveis, com corte e sem anestesia, a pedido do paciente, e desde que tenha entre 18 anos e 52, não esteja a fazer tratamento de quimioterapia ou radioterapia nem a tomar anticoagulantes. As cirurgias visíveis são realizadas pelo médium, embora já tenha dito não ser ele quem cura as doenças, mas Deus. “Sou um instrumento d’Ele.” As cirurgias à distância são “possíveis” se estiver algum familiar presente na casa, com a fotografia do doente. Mas João de Deus também

recomenda a consulta de médicos. Ele próprio já colocou vários stents nas artérias e, em 2015, submeteu-se a uma cirurgia para remover um tumor no estômago agressivo e fez quimioterapia durante cinco meses. O resto do mundo ouviu falar do médium brasileiro em 1991, quando a atriz americana Shirley MacLaine disse ter sido ele a curá-la de um cancro na região abdominal. Em 2012, apareceu numa reportagem de Oprah Winfrey, que ficara curiosa depois de saber que acompanhara os ex-presidentes Lula da Silva e Hugo Chávez, e a modelo Naomi Campbell. Também há portugueses na lista. João de Deus não cobra pelas consultas, nem ninguém na Casa de Dom Inácio de Loyola pode receber doações. Mas as contribuições são bem-vindas. Há para isso uma caixa no salão principal e uma conta disponível a receber transferências bancárias. Além disso, na loja da casa vendem-se cápsulas de passiflora e água “energizada” por ele.

E as doações chegam em força. O médium possui um avião Seneca II, de seis lugares, e diz apreciar “carrões e joias”. Tem fazendas de mineração de ouro e de criação de gado, e mais de duas dezenas de casas.



científica mostra isso, mas é uma convicção que já temos há muito na Igreja. Jesus o que faz? Relança a esperança.”

REZAR PELOS OUTROS RESULTA?

Numa investigação conhecida como Estudo de Saúde das Enfermeiras, realizado entre 1976 e 2012, acompanharam-se 121 700 enfermeiras americanas, entre os 30 e os 55 anos. Vários parâmetros de saúde foram analisados, sendo que em 1992 a prática religiosa passou a também ser tida em conta. No final, verificou-se que as mulheres que frequentavam os serviços religiosos, mais de uma vez por semana, tinham uma mortalidade 33% inferior, ao longo dos 16 anos do estudo. Eventualmente por sofrerem menos depressão, fumarem menos, terem mais apoio social e serem mais otimistas. Num artigo publicado no *Journal of the American Medical Association*, os autores escrevem: “Para quem tem crenças religiosas, a espiritualidade é um recurso que os médicos poderiam explorar.”

E o efeito parece funcionar indiretamente, na chamada oração de intercessão. Ou seja, quando alguém reza por outra pessoa. Não há muitos estudos conclusivos, mas os que existem são suficientes para levantar a questão. Num deles, acompanharam-se 999 pacientes, cristãos, com cancro, tratados num centro médico australiano. Pediu-se a um grupo de cristãos que rezassem por uma parte dos doentes. Tinham informação acerca do estado de saúde e dados biográficos, mas que não permitiam a identificação. Os pacientes nada sabiam acerca disso. Resultado: o grupo de doentes por quem se havia rezado sentiu-se melhor a nível espiritual e emocional, comparado com o grupo de controlo, quando avaliados por um questionário padrão.

Neste caso pode argumentar-se que os avaliadores sabiam quem era quem no estudo, e que por isso talvez tivessem influenciado os resultados. Mas noutra estudo, publicado no ano 2000, na revista *Archives of Internal Medicine*, verificou-se que um grupo de pacientes assistidos numa unidade de cardiologia e por quem se tinha rezado apresentava menos problemas cardíacos, sendo que nem eles

Sem explicação

Há três décadas, durante a bênção aos doentes, no Santuário de Fátima, Maria de Lurdes levantou-se da cadeira de rodas que a atormentava há três anos e nunca mais a usou. Ainda hoje se fala nisso em Carvalhal Redondo, entre Canas de Senhorim e Nelas. Desde 1922 que a Voz de Fátima dá conta de casos não explicados pela ciência



‘Cura’ pela TV

Maria de Lurdes Morais Simão tem 74 anos e “continua impecável”, diz um primo que esteve com ela há uns dias, numa passagem da emigrante por Nelas. E não diz pouco – porque a 13 de maio de 1987 a senhora sua prima largou a cadeira de rodas que usara consecutivamente durante três anos. Nesse dia, a antiga cozinheira no castelo dos Duques de Windsor estava a almoçar à frente da televisão quando começou a transmissão da habitual bênção aos doentes no Santuário de Fátima, e foi como se alguém lhe tivesse dito “Levanta-te e caminha”. Ainda hoje, trinta anos depois, há quem acredite que aconteceu um milagre em Carvalhal Redondo, uma localidade entre Canas de Senhorim e Nelas (distrito de Viseu).

Segundo o médico assistente de então, citado pelo *Diário Popular*, o diagnóstico dos Serviços de Neurologia dos Hospitais da Universidade de Coimbra referia uma “miopatia da cintura”, uma doença muscular que não tinha cura. “Nada mais haveria a esperar do que acabar os meus dias numa cadeira de rodas”, contou a suposta miraculada ao jornal. “Mas fui sempre uma pessoa lutadora, crente, que não desanimava, que pensava ser possível, algum dia, voltar a caminhar.”

Voz da Fátima

AS CURAS DA FÁTIMA

Carta do Ex^{mo} Sr. D. José Maria de Figueiredo Cabral da Câmara (Belmonte)

“... Sr. Com os meus respeitosos cumprimentos, vou apresentar a V. o retatório, que talvez se não possa chamar milagre, mas que foi um grande favor e uma grande graça que N. Senhora fez a um meu conterrâneo que aqui habita em Oita, que tem ido muitas vezes à Cova da Iria e propagado muito aqui a devoção a N. Senhora do Rosario da Fátima. Segue o retatório feito por elle e que para aqui copio *ipsis verbis*:

“Dia 12 de julho de 1922. Indo eu,

“A SATISFAÇÃO DAS NECESSIDADES ESPIRITUAIS TEM UM EFEITO NA SAÚDE”

PADRE FERNANDO SAMPAIO



Milagre, dizem eles

A irmã Ângela Coelho é postuladora da causa de canonização dos beatos Jacinta e Francisco Marto. E é médica de clínica geral, com muitas horas feitas no serviço de urgência do Hospital de Leiria. “Tenho essa sensibilidade”, assegura, ao explicar como se desenrola o processo de avaliação dos milagres que poderão levar o Papa a declarar um santo. O que acontece no Santuário de Fátima, em termos de curas, que não tenha diretamente a ver com Jacinta e Francisco não lhe diz respeito – é remetido para os médicos Servitas que dão apoio aos peregrinos. Mas se lhe chegam, por carta ou email, relatos de intercessão dos dois pastorinhos que lhe merecem um olhar mais atento, a religiosa procura recolher detalhes. Pode pedir ao doente o processo clínico hospitalar e depois perguntar a colegas se a cura ocorrida ou o modo como ocorreu tem uma explicação médica. Se o caso merecer ser investigado, pede uma consulta prévia à Congregação para as Causas dos Santos. “Interessa-nos que, só com a documentação, um perito dê o seu parecer por escrito.” Para ser um milagre, é preciso que a cura tenha sido rápida, total e duradoura. Que tenha ocorrido sem explicação e num contexto de fé e oração, por intercessão dos dois beatos. Só então se dá início ao inquérito diocesano, constitui-se um tribunal canónico e elencam-se as testemunhas. Tudo coligido, o caso é apresentado à Congregação para as Causas dos Santos, vai a sete médicos, depois a uma comissão de teólogos e aos cardeais – que é quem utilizará pela primeira vez a palavra “milagre”.

Como se faz um santo

O processo é burocrático q.b. e tem vários passos, a maioria dada no Vaticano. A palavra final é sempre do Papa

1.

Diocese

Oficiais da igreja local examinam a vida e as boas ações do candidato, que demonstrem a sua santidade e virtude

2.

Vaticano

Um bispo submete o caso a Roma

3.

Causa dos Santos

A Congregação escrutina o caso e, se aprovar, passa-o ao Papa

4.

Papa

O Papa decide se o candidato é venerável, se teve uma vida virtuosa

5.

Beatificação

O indivíduo é beatificado quando um dos seus milagres é verificado postumamente

6.

Canonização

Ela só ocorre quando um segundo milagre é verificado, a não ser que o Papa dispense essa condição

“HÁ COISAS QUE A CIÊNCIA NÃO CONSEGUE AINDA EXPLICAR. MAS UM DIA CONSEGUIRÁ”

MÉDICO ANTÓNIO VAZ CARNEIRO

nem os profissionais que os acompanharam estavam a par da intervenção.

Estranho? Será. Mas não são de hoje os ex-votos – quadros, figuras, órgãos do corpo em cera – oferecidos em igrejas ou capelas, por causa de uma graça alcançada. Ou paredes cobertas por fotografias de pessoas por quem se pede a intercessão de um santo ou beato, através de orações, como encontramos na igreja do pastor Rogério Machado. Em quase todos os cultos da Igreja Mundial, borrifam-se com água benta as imagens pregadas no Mural da Família e os fiéis rezam na sua direção. “O parente está sendo abençoado, recebendo energia positiva”, acredita.

O ‘MILAGRE’ DOS PASTORINHOS

Será ainda mais estranho quando se fala em cura, por isso se usa a palavra “milagre”. A recuperação “inexplicável” de uma criança brasileira depois de uma queda de sete metros, em 2007, foi o milagre que faltava à canonização de Jacinta e Francisco. O menino, que tinha 6 anos, sofreu um grave traumatismo crânio encefálico com perda de material cerebral, e os médicos que a operaram disseram que, caso sobrevivesse, viveria em estado vegetativo ou, na melhor das hipóteses, com graves deficiências cognitivas. Mas entretanto os familiares e uma comunidade de irmãs de clausura rezaram aos dois beatos e, segundo a Rádio Vaticano, “após três dias, a criança recebeu alta, não sendo constatado nenhum dano neurológico ou cognitivo”. No dia 11, a família estará no Santuário de Fátima para contar a sua história. E dois dias depois o Papa irá canonizar Jacinta e Francisco.

Os estudos relacionados com a fé deixam as mentes mais céticas em convulsão. Mas a espiritualidade e a medicina não têm de caminhar em sentidos opostos. Como disse à revista TIME Andrew Newberg, neurocientista americano e um dos grandes estudiosos, a nível mundial, destas questões: “Podemos juntar ciência e religião, num diálogo que beneficia ambos.” Não são incompatíveis, portanto. António Vaz Carneiro, o “Senhor Evidência Científica”, também convive pacificamente com estes mistérios. “Há coisas que hoje a ciência não consegue ainda explicar. Mas um dia conseguirá.” rruela@visao.imprensa.pt



COMO O MUNDO SE CURA

Das Américas à Ásia, da Europa a África, a fé tem muitas formas. Mas em todas se promete saúde



Indonésia Durante o festival da tribo de Tengger, são lançadas para dentro do vulcão Monte Bromo oferendas de arroz, vegetais e animais domésticos, adaptando a tradição de uma princesa do século XV, que sacrificou assim o seu 25º filho, como pagamento pela sua fertilidade



← **Peru** Um "curandero" (médico tradicional) usa uma mistura de ervas, poções e os encantos de uma caveira para curar um paciente – que se encontra em hipnose e sob o efeito de alucinogénios

Brasil Um sacerdote dos Asháninka, um povo indígena da Amazónia brasileira e peruana, protagoniza uma cerimónia religiosa junto ao Maracanã, em 2016, para que as Olimpíadas do Rio sejam um sucesso →





← Caxemira (Índia)

Um homem com perdas temporárias de visão é "curado" por um curandeiro espiritual, que usa apenas rezas e versos do Corão com alegadas propriedades terapêuticas

Tibete → (China)

Um tibetano vende produtos de animais e plantas. A medicina tradicional tibetana, baseada no budismo indiano, recorre a "produtos naturais", mas também tem uma forte componente de crença em ideias filosófico-religiosas

Nigéria →

O televangelista cristão T.B. Joshua "cura" uma mulher possuída pelo diabo, durante uma sessão de exorcismo na capital do país, Lagos. Os seus devotos acreditam que Joshua consegue curar todas as doenças, incluindo sida



Cuba Um babalaô, sacerdote do Culto de Ifá (fusão de santos cristãos com deuses africanos), prepara-se para cortar a cabeça a uma galinha, em nome da recuperação de Fidel Castro, depois de uma cirurgia em 2006





Moçambique Um feiticeiro a dançar, durante um ritual. Muita gente na região atribui as doenças a maldições ou erros de antepassados – e por isso os xamãs (curandeiros-sacerdotes) são reverenciados pela sociedade



Colômbia Uma mulher, supostamente possuída por demónios, está a ser exorcizada pelo "Irmão Hermes", que pratica este tipo de cerimónias há mais de 20 anos, misturando tradições cristãs e pagãs



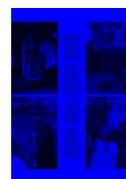
China Um xamã chinês, da tribo Yi, põe na boca a ponta de uma pá aquecida, durante o Festival da Tocha



Venezuela Transe de uma crente em María Lionza – deusa que junta elementos católicos, africanos e indígenas. O culto usa ervas nos processos de cura, aplicados por médiuns que dizem fazer a ponte entre Deus e o Homem



Albânia Há vários séculos, Santo António passou pela vila de Lac, onde, diz-se, fez alguns milagres. Hoje, os seus seguidores tocam numa pedra ligada à lenda, que creem ter propriedades terapêuticas



← **Sibéria** (Rússia)
Na cidade de Irkutsk, uma xamã buriate (uma minoria étnica mongol) protagoniza um ritual. Os sacerdotes siberianos intercedem junto dos espíritos para que estes concedam saúde aos crentes

Novo México →
(EUA)
Todos os anos, dez mil peregrinos visitam o santuário de Chimayo na Sexta-feira Santa, em busca de uns grãos da terra local, a que atribuem propriedades terapêuticas, depois de ingerida ou esfregada no corpo



← **Lourdes**
(França)
Uma jovem enche uma garrafa com água que os crentes acreditam ser de uma fonte milagrosa, que cura doenças; as peregrinações a Lourdes têm mais de 150 anos

México →
Uma bênção é lançada por um xamã da comunidade maia de Pac-Chen. Os maias, para quem a religião e a medicina eram inseparáveis, eram conhecidos por usarem sangue humano nos rituais - hoje substituído por sangue de galinha





Nº 1261 . 4/5 A 10/5/2017 . CONTINENTE E ILHAS: €3,20 . SEMANAL

WWW.VISAO.PT

EDUCAÇÃO
COMO VAI MUDAR
A FORMA DE
ENSINAR
EM PORTUGAL

VÍTOR OLIVEIRA
AS HISTÓRIAS
DO REI DAS
SUBIDAS

VISÃO

**WORLD
PRESS PHOTO**
Oferta de bilhete
para a exposição
(VER PÁG. 93)

A FÉ PODE CURAR

Ciência e religião estão de acordo: a espiritualidade faz bem à saúde. Há cada vez mais provas disso e nem todas são milagres



LIVRO GRÁTIS
(Se não estiver colado
peça na banca)

Se7e AS NOVAS GALERIAS DE ARTE EM LISBOA